

AS IMAGENS DA AIDS NA REVISTA VEJA: UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA

PERILO, Marcelo de Paula Pereira¹; **PEREIRA**, Pedro Paulo Gomes².

Palavras-chave: Aids, Representações sociais, Revista *Veja*

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

O seguinte estudo intitulado “As imagens da aids na revista *Veja*: uma abordagem antropológica” prima em desenvolver a análise da representação da aids³ em um veículo de comunicação específico, a Revista *Veja*, no período de 1985 a 2002, totalizando-se 15 edições.

A aids é uma doença que evoca mais que problemas fisiológicos. A soma de elementos subjetivos, impressões e mitos propiciam uma abordagem de pesquisa que a analise como um objeto de estudos das ciências humanas, em específico a Antropologia. As representações da aids dialogam-se com as representações de gênero e sexualidade culminando, por vezes, em asserções preconceituosas e discriminatórias. O trabalho verifica como essa intersecção é explorada pela revista propiciando, assim, a desconstrução de discursos que alardeiam falácias e discriminações.

A busca pela posição da revista *Veja* na construção das representações sobre a aids visa compreender como o periódico apresenta seus temas. Interessa-nos apontar quais são esses mecanismos de representação e como eles atuam. Ademais, o trabalho também objetiva verificar os processos de descrição da aids, dos indivíduos e dos grupos a ela relacionados na revista *Veja*, além de indagar sobre formação de estereótipos e lugares-comuns na construção social da doença efetuada pela revista.

2. MATERIAL E MÉTODO (metodologia)

O material analisado compreende como fontes primárias as capas da revista *Veja* que tratam da aids no período de 1985 a 2002 e como fontes secundárias de análise os livros e demais estudos relacionados à Antropologia e Comunicação.

A revista *Veja*, como um dos principais veículos de comunicação do país, enfatizou a divulgação da aids em consonância com o período em que a doença tomou proporções mundiais e foi tomada como uma epidemia, na década de 80. A doença foi mote para um total de 15 reportagens de capa na revista *Veja*, perfazendo-se, este, material específico da revista a ser analisado.

O trabalho utiliza a Antropologia Visual para encadear análises das imagens e elementos de capas da revista *Veja*. Além da escrita, fonte convencional e hegemônica no fazer antropológico, a análise e produção de imagens impele pesquisadores a refletirem acerca da utilização destas como recurso metodológico e fonte de pesquisa nas Ciências Sociais e, em específico, na Antropologia. Percebida como Antropologia da Imagem ou Antropologia Visual, a vertente dos estudos antropológicos que primam na utilização das imagens como objeto de estudos privilegiados em relação à escrita – e não subordinados ao texto – pode ser percebida, inclusive, como um processo de fazer antropológico “pela imagem”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Num universo muito grande de possibilidades, o emprego de determinados recursos imagéticos pela revista *Veja* em pleitear representações da aids se baseia nas considerações hegemônicas sobre a doença. O que vigorava como representação da aids ou dos soropositivos à época de cada capa pode ser percebido como uma reiteração dos estereótipos que delinearam e construíram a doença divulgada na revista.

Sendo que a fotografia sempre permite uma leitura (BONI, 2000), é preciso saber lê-la. As fotografias servem para tornar reais ou mais reais as realidades adversas de quem delas é espectador ou observador (SONTAG, 2003). Os indivíduos apresentados como soropositivos pela revista *Veja* na década de 80 correspondem às narrativas que vinculam a aids à sexualidade.

A seguinte figura é emblemática para a apresentação de um dos recursos utilizados pela revista *Veja* a fim de abordar a aids.

Figura I: capa da edição 1077, de 26 de abril de 1989. Revista *Veja*.



Segundo Knauth (2004), “é impossível falar de Aids sem falar de sexualidade”. Isso se dá em virtude das considerações acerca de uma das principais vias de transmissão do HIV, as relações sexuais. O que se percebe na figura é a utilização de uma fotografia que ilustra grande parte do corpo da página. Quem se observa é Cazuza, artista brasileiro, e logo abaixo a frase: “Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”. Tal capa foi veiculada em 1989, a década a qual se vinculava a aids necessariamente à homossexualidade. O corpo de Cazuza estampado na capa da revista em tal período reitera uma aparência estereotipada de soropositivos sintomáticos – indivíduos com HIV e quadro clínico denominado aids. Por ser compreendido como homossexual, a aparência do artista vinculada a sua situação onde “agoniza em praça pública” promove o estabelecimento da associação aids-homossexualidade numa via comumente deletéria.

José R. Trindade nos aponta que a aids “tem sido constantemente acionada para avaliar experiências sociais, impondo arranjos tanto na vida dos homossexuais, quanto na de outros segmentos sociais que fogem a certos modelos “ideais” de comportamento”. (TRINDADE, 2004). Portanto, tão logo o impacto de uma visão

inicial da capa, a imagem de um homossexual categorizado como soropositivo “em agonia” se transforma em mecanismo que alude a práticas que seriam socialmente indesejáveis.

4. CONCLUSÕES

O pressuposto que norteia a questão-problema da pesquisa se confirma: a revista *Veja* contribui significativamente para a veiculação de estereótipos e lugares-comuns em relação à aids. É possível estabelecer através da pesquisa desenvolvida conclusões que se basearam, principalmente, na premissa da revista *Veja* como promotora e veiculadora de narrativas hegemônicas ou predominantes sobre a doença.

A revista *Veja* com sua influência e permeabilidade em relação aos demais veículos de comunicação detém poder suficiente para construir e reconstruir a seu modo o imaginário social sobre qualquer assunto. Faz como qualquer veículo de comunicação, mas como principal publicação na categoria, as intenções particulares de quem nela atua, sejam jornalistas ou seus detentores, potencializam a influência conquistada pela revista desde 1968 – data de sua criação.

A consciência de um leitor em relação aos processos de construção de imagens e criação de identidades pode auxiliá-lo a compreender os mecanismos que definem a aids como um processo de construção social, e que a revista corrobora em grande parte para esse contexto em que os grupos representados são mencionados. Através desse discernimento é possível posicionar-se criticamente não apenas em relação ao tema da aids, mas aos processos que descrevem sujeitos e personagens por intermédio da mídia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico: A intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. São Paulo: USP/ECA, 2000.

SONTAG, Suzan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KNAUTH, Daniela. **As implicações éticas da pesquisa antropológica: uma reflexão a partir do caso da Aids**. In: OLIVEN, Ruben George; MACIEL Maria Eunice; ORO, Ari Pedro (orgs). *Antropologia e Ética*. Niterói: EdUFF, 2004.

TRINDADE, José Ronaldo. **Construção de identidades homossexuais na era AIDS**. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard (orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004.

¹ Bolsista de iniciação científica. Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (UFG), gymp3@hotmail.com

² Orientador. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia (UFG) – Departamento de Ciências Sociais, pedropaulopereira@hotmail.com

³ A palavra “aids” está grafada minúscula em todo o trabalho – salvo quando citada por outros autores. Tal opção se fundamenta como mais um recurso a fim de desconstruir as metáforas e imagens que alardeiam aspectos deletérios sobre a doença e aos indivíduos soropositivos. Trata-se de uma doença, apenas.